

8

—

Por dentro da
sala de aula



*Ilustração para o encarte especial
da revista Caros Amigos.
Carolina Itzó*

Maria Firmina dos Reis no Ensino Médio - experiências no Colégio Pedro II

RESUMO

O texto versa sobre a trajetória de Maria Firmina dos Reis no *Campus São Cristóvão III* do Colégio Pedro II, desde o conhecimento da obra por parte da equipe de professores até o aprofundamento do estudo sobre a autoria negra e sua divulgação na escola. Há o registro dos primeiros trabalhos com as turmas e do início do projeto de Iniciação Científica Júnior desenvolvido em 2017, 2018 e 2019, assim como da edição do evento *Pérola Negra*, voltado para o estímulo à autoria negra entre os alunos. O envolvimento dos estudantes culminou, inclusive, na publicação de um livro de poemas e contos e de um outro artigo científico.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura Negro-brasileira. Autoria Negra. Ensino de Literatura.

Helio de Sant'Anna dos Santos (Colégio Pedro II)

Professor de Ensino Básico e Tecnológico (EBTT) do Curso de Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais (Ererebá) do Colégio Pedro II; Doutor em Letras (UFF, 2013), na área de Estudos de Linguagem; Pesquisa principalmente o apagamento de escritores e escritoras afro-brasileiros no cânone literário e nos programas escolares, dentre eles a primeira romancista afro-brasileira: Maria Firmina dos Reis, autora de Úrsula; Integra os grupos de pesquisa Laboratório de Estudo de Práticas Educativas em Língua Portuguesa e Literatura (LEPELL) e Literatura de Autoria Negra (Litan).

heliodesantanna@gmail.com

EM 2015, O PROFESSOR MÁRCIO HILÁRIO, atual Coordenador Geral do Departamento de Português e Literaturas do Colégio Pedro II, apresentou em reunião de planejamento semanal a sugestão para que colegas da equipe de Português do *campus* São Cristóvão III lessem e, quem sabe, adotassem o livro *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. Eu estava no segundo ano de colégio e teria a oportunidade naquele ano de trabalhar com uma turma de 2ª série, público mais indicado para a leitura da obra do século XIX, de acordo com o projeto político-pedagógico em vigor. Não o li com a turma no primeiro momento, mas pedi que me enviasse versão eletrônica, escaneada. Foi o que fez. Uma versão bastante pesada, aparentemente artesanal, lenta demais para passar de uma página a outra. Ao longo de 2016, ao lado de turmas de 1ª série, uma turma de 2ª série, e nada de *Úrsula* ainda. Diante do turbilhão de tarefas, não conheci as páginas de Maria Firmina dos Reis, não em tempo de propô-las aos estudantes.

Recebi emprestada uma versão impressa da obra: exemplar publicado em 2004 pelas editoras Mulheres e PUC-Minas. Finalmente li *Úrsula*. E foi inevitável o questionamento: por que o livro era tão pouco conhecido por docentes, ignorado pela escola? Não vira até então romance romântico que tratasse o negro de forma tão humana. Além da questão do negro, ali estava um tratamento diferenciado dos temas românticos por parte de uma autora feminina, negra, de uma intelectual que, segundo a própria apresentação em prólogo da edição, não fora a Coimbra preparar-se, como outros autores da época. Uma mulher, negra, professora! Acreditei que a obra reunia os elementos que tentava fazer os alunos depreenderem com as obras canônicas de Alencar, por exemplo. Defini que entraria na campanha com o Márcio pela leitura no *campus*. Maria Firmina merecia.

Para 2017, planejávamos o trabalho sistemático com *Úrsula*, no primeiro dos três trimestres. Fizemos a primeira experiência com os estudantes, com o propósito de tirar do silenciamento Maria Firmina dos Reis. Mas, para isso, estaríamos fora das leituras praticamente protocolares propostas para a 2ª série. Não seria fácil: primeiro, fugiríamos de escolhas comuns à equipe; segundo: desafiaríamos os leitores da escola, uma vez que o início da leitura do livro não é nada simples para os dias atuais, como ocorre com outros autores, que têm a seu favor o suporte canônico. De um lado, era comum os professores trabalharem com os livros amparados pelo currículo escolar tradicional, frequentemente ligados ao cânone, por outro, os estudantes poderiam resistir a uma leitura não canônica. O fato é que houve adesão por grande parte da equipe e, sim, os estudantes reclamaram muito das primeiras 50 páginas, especialmente. Maria Firmina faz ali o que vemos em obras do período: muitas descrições longas e pouca sequência narrativa.

Lendo em alguns momentos com os estudantes, seguimos entendendo a forma de contar em *Úrsula*. Paralelamente, lançamos uma proposta de projeto de Iniciação Científica Júnior, em que nos propúnhamos a estudar a pioneira do romance afro-brasileiro, conforme Eduardo de Assis Duarte (2013). Com o título *Maria Firmina dos Reis* – apesar do indiferentismo glacial de uns e do riso mofador de outros, formamos uma equipe de bolsistas e alguns voluntários, todos interessados em conhecer a autora que inaugurava a autoria negra feminina na escola de Ensino Médio deles. Excepcionalmente em 2017, o Colégio Pedro II publicou uma chamada para atender a ações afirmativas e, com os docentes Márcio Hilário e Sirley Ribeiro, concorremos a uma taxa de incentivo de R\$ 3.000,00 para promover atividades que valorizassem a autoria negra. Era, na instituição, o momento em que se lutava por um curso de pós-graduação voltado diretamente para a formação antirracista, que viria a se confirmar para o ano letivo seguinte, sendo inserido no Programa de Pós-Graduação do Colégio Pedro II o Curso de *Lato Sensu* Ererebá – Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico.

O trabalho sistemático com a obra de Maria Firmina dos Reis coincidiu com o ano de lançamento da edição de 2017 pela PUC-Minas de *Úrsula*, creio que a primeira de uma série hoje extensa de edições. Seja nas atividades de Iniciação Científica ou em sala de aula com as turmas regulares, sentimo-nos estimulados a adquirir uma quantidade significativa de livros para divulgarmos junto às bibliotecas dos diversos *campi* do Colégio Pedro II. A taxa a que concorremos, ainda que com a necessidade de autorização especial, garantiu-nos a possibilidade de comprar 50 exemplares. Destinamos 13 exemplares a São Cristóvão III e dois para cada uma das bibliotecas de cada *campus*.

Ao longo do ano, fosse a partir da divulgação no próprio departamento, fosse com a participação de integrantes da equipe de Iniciação Científica, procuramos divulgar a principal obra da Maria Firmina. Logo de início, viralizou um dos trabalhos propostos em torno da leitura da obra, um vídeo-propaganda de *Úrsula*, projetado, encenado e editado pelos alunos, no qual os estudantes perguntam se o público conhecia Maria Firmina, se na biblioteca havia a obra, se alguém já sofrera racismo... em tom humorístico, debochado (<https://mariafirmina.org.br/aluna-o/>). Foi a chave para outras leituras no *campus*. O fato é que temos conhecimento de muitas outras turmas no Colégio Pedro II lendo *Úrsula*, recriando, comparando, reconhecendo o injusto apagamento da obra e da autora.

Maria Firmina de lá para cá vem frequentando nossas avaliações e tem inspirado nossas ações antirracistas, como se pode perceber nas produções autorais dos estudantes. Na sequência, temos dois exemplos de Maria Firmina em avaliações formais propostas à equipe e aprovadas:

Texto III: Confissão

Embalde, te juro, quisera fugir-te,
Negar-te os extremos de ardente paixão:
Embalde, quisera dizer-te: - não sinto
Prender-me à existência profunda afeição.

Embalde! é loucura. Se penso um momento,
Se juro ofendida meus ferros quebrar:
Rebelde meu peito, mais ama querer-te,
Meu peito mais ama de amor delirar.

E as longas vigílias, - e os negros fantasmas,
Que os sonhos povoam, se intento dormir,
Se ameigam aos encantos, que tu me despertas,
Se posso a teu lado venturas fruir.

E as dores no peito dormentes se acalmam.
E eu julgo teu riso credor de um favor:
E eu sinto minh'alma de novo exaltar-se,
Rendida aos sublimes mistérios do amor.

Não digas, é crime - que amar-te não sei,
Que fria te nego meus doces extremos...
Eu amo adorar-te melhor do que a vida,
melhor que a existência que tanto queremos.

Deixara eu de amar-te, quisera um momento,
Que a vida eu deixara também de gozar!
Delírio, ou loucura - sou cega em querer-te,
Sou louca... perdida, só sei te adorar.

(REIS, Maria Firmina dos. *Cantos à beira mar*. São Luís do Maranhão, 1871, p. 79-80)

VOCABULÁRIO:

embalde: em vão; **fruir**: desfrutar; **gozar**: desfrutar, aproveitar.

3) Maria Firmina dos Reis, apesar de ter seu nome relacionado, atualmente, às produções abolicionistas, como o romance *Úrsula*, publicado originalmente em 1859, ou o conto *A escrava*, de 1887, participou ativamente da imprensa maranhense durante cerca de cinquenta anos, entre 1859 e 1908, período em que publicou poesias e contos em diversos periódicos da província, bem como construiu teias de relações que, possivelmente, possibilitaram a publicação de suas obras e sua participação no meio literário.

a) O poema *Confissão* pode ser inserido na 2.ª geração romântica, a ultrarromântica. **Explique.** (1,0)

b) Há no texto dois versos em que o eu lírico condiciona o prazer de viver ao sentimento que nutre pela pessoa amada. **Copie-os.** (0,5)

Texto II: Úrsula (fragmento)

— Úrsula — continuou o mancebo (*Tancredo*), reconhecendo sua perturbação — Úrsula, mimosa filha da floresta, flor educada da tranquilidade dos campos, por que tremeis de me ouvir a voz? Julgais acaso que vos possam ofender as minhas palavras? Sossegai, em nome do céu, Úrsula, sossegai... Donzela, eu vos juro que sou leal, e que o respeito que vos consagro, e de que sois digna, nem o silêncio deste bosque, nem a solidão do lugar o quebrará jamais.

O que sinto por vós — continuou comovido — é veneração, e a mulher a que se venera rende-se um culto de respeitosa adoração, ama-se sem desejos, e nesse amor não entra a satisfação dos sentidos.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Belo Horizonte: PUC Minas: 2017, p. 52.

Publicado em 1864, a obra *Diva*, de José de Alencar integra, com *Luciola* e *Senhora*, o conjunto tradicionalmente denominado *perfis de mulher*. A autoria do romance, como a de *Luciola*, é atribuída a uma senhora de idade que assina com as iniciais G. M. Em *Diva*, a narrativa é feita em primeira pessoa por Augusto e dirigida a Paulo, protagonista e narrador de *Luciola*. O fragmento transcrito é parte de uma carta escrita por Emilia, protagonista do romance, a Augusto.

Em 1859, Maria Firmina dos Reis torna-se a primeira romancista afro-brasileira, ao publicar *Úrsula*, que, dentre outros aspectos, trata da paixão por da personagem de mesmo nome por Tancredo.

1) Tanto Emilia como Tancredo, personagens em evidência nos fragmentos, reproduzem a perspectiva romântica. **Explique por quê, mencionando pelo menos duas características do Romantismo e apresentando exemplos dos trechos.** (1,5)

2) Há pelo menos em cada fragmento uma metáfora. Transcreva os referidos exemplos, com base nas seguintes instruções:
a) Do **Texto 1**, uma expressão formada por **pronome, adjetivo e substantivo**: (0,5)

b) Do **Texto 2**, uma expressão formada por **adjetivo, substantivo e locução adjetiva**: (0,5)

3) Os romances *Diva* e *Úrsula* foram publicados inicialmente em folhetins.

Esclareça a importância dessa estratégia de divulgação para o desenvolvimento da ficção narrativa no Brasil do século XIX. (1,0)

Assim como há a preocupação de inserir Maria Firmina sob a perspectiva acadêmica para docentes e pesquisadores em geral, muito nos alegra a certeza de que seus textos inspiram a pesquisa e a reflexão de estudantes, como atestam os depoimentos publicados no artigo *Por que (não) calar Maria Firmina dos Reis, a pioneira do romance abolicionista na literatura brasileira* (SANTOS; HILÁRIO, 2018):

O resgate de Maria Firmina, para mim, significa especialmente o resgate da intelectualidade negra, tão renegada por tanto tempo. Divulgar sua obra no colégio e eventos semelhantes é uma ação que me satisfaz, pelos resultados que obtivemos: mais pessoas interessadas em Maria Firmina e atentando-se à autoria negra.

Úrsula é um livro inovador – Firmina foi pioneira ao elevar o caráter de um personagem negro em meio a um Brasil pré-abolicionista que o desumanizava; a falar das divisões de papéis sociais entre homens e mulheres; a evocar a religiosidade cristã, a mesma usada por brancos como justificativa para converter negros forçadamente à religião europeia, como forma de dizer a elite branca que o racismo contrariava as bases cristãs. (M. C. R. S.)

Pesquisar e aprender a história de Maria Firmina dos Reis foi com certeza algo único. Em todos os momentos de conversa com o corpo discente em geral, o sentimento de passar para eles informações sobre uma mulher tão espetacular era imenso. Melhor ainda foi ver a participação e o interesse toda vez que o título “Úrsula” era mencionado.

Ao ler a obra de Firmina, o questionamento do motivo por ela não ser um dos grandes nomes surgiu. Ao entender sua história, sendo ela uma negra, pobre e marginalizada, seu esquecimento na literatura se tornou algo “justificado”, o que exemplifica perfeitamente como as situações de preconceito racial continuam sendo naturalizadas até hoje.

Estudar Maria Firmina e sua obra reafirmou meu caráter e construiu uma confiança até então desconhecida. Dar continuidade a tudo que essa mulher me ensinou se tornou um dever pessoal, para além de qualquer obrigação escolar. (R. J. S. D.)

E se pudéssemos identificar a inspiração em nível literário? Pois bem: a Maria Firmina levou-nos não só ao estudo da autoria negra, como também colaborou com a produção autoral de estudantes de São Cristóvão III, inclusive resultando em publicação inédita de livro com textos exclusivos de autoria negra. Com parte da taxa de bancada a que concorremos, pensamos na alternativa de promover um festival literário centrado na autoria negra. Estava nascendo o “Pérola Negra”, evento destinado à participação de estudantes autodeclarados negros do *campus* com poemas e contos. Da publicação (2018), uma mostra:

PRETérito imperfeito (fragmento)

DMZ (Gustavo Damázio Ferreira – Turma 1.205/2017)

Se seus heróis vestem fardas, os meus levaram chibatadas
Os cassetetes de hoje em dia só reforçam nossas marcas
Não podemos mais dar as costas, pra recuperar nosso tempo
Por isso preto odeia cana desde 1500
Nos quilombos, a pele cor da noite,
Com quilos nos lombos, amedrontados pelo açoite
Atualmente executados pelo poder executivo
Reflexo histórico que perdura até hoje
Senhores, mordanças não calam mais nossa voz
Racistas esqueceram que babás negras amamentaram seus avós
Como sermos patriotas, se essa pátria nunca amou os pretos
Não somos brasileiros chamados de afro, somos africanos
chamados de brasileiros
Mas o enquadro tá certo, pra quem não tem nossa moldura
Compare a cor de uma sala e uma cela e diga que cotas
ainda são injustas [...]

A preta Susana que o diga: a consciência dos limites da liberdade. Firmina antecede Conceição Evaristo e a noção de escrevivência e precisamos acolher a ideia. É preciso garantir a voz de nossos estudantes/personagens negros. É responsabilidade de todos e de todas da escola a luta por uma educação antirracista, e os textos de Maria Firmina impulsionam ações nesse sentido.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. *Revista Navegações*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 146-153, jul./dez. 2013.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Revista SCRIPTA*, V. 13, N. 25, p. 17-31. 2. semestre de 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

SANTOS, Helio de Sant'Anna; HILÁRIO, Márcio Vinícius do Rosário (org.). *Pérola Negra: 1º Concurso Literário*. Niterói: SSP Gráfica Editora, 2018.



Lili. Carolina Itzá